Ano 1.º — N.º 3

Guimarães, 8 de Abril de 1916

O REPUBLICANO

PROPRIEDADE DO Centro Democrático Vimaranense

EDITOR E ADMINISTRADOR,
António de J. Teixeira
Comp. e imp. Tipografia Pires

REDACTOR PRINCIPAL,
Eduardo d'Almeida
Red. e adm. Rua de Gil Vicente

UMA CARTA DE LONGE

Aos dez anos, no fundo duma péssima diligência — coval negro onde as lagrimas corriam mais silenciosas — êle aí foi de escantilhão do quinchôso socalcado na encosta de Briteiros levado ao padrinho, mercieiro de Braga, que o remeteu despachado num engajamento duvidôso pró Brazil.

Nunca mais, alem mar, na terra irmã, um só momento de descanço lograra na vertigem calcinante do trabalho a não sêr quando doente, comido de febre, em delirios. De pequeno guardara todavia o bom habito de, tôdas as noites, como quem resa, inda sentado na cama, a luz apagada pâra que o não chamassem, deixar voar o pensamento nas azas da saudade té á sua aldeia, que lhe aparecia, ao clarão doirado da memória, numa grande mancha de ceu azul, recortada de arvores, os campos verdes da pastagem, a egreja — e os santos afogueados á luz dos altares —, os sinos repicando a batisado, um melro a assobiar dentre a murta, as fitas brancas das estradas, laranjais a rir em flôr, as galinhas no eido, dôce quietação que jámais a sombra dum cuidado turvara ao de leve.

A casa era pequena, coberta de côlmo.

Junto á porta, sentada num banco de pedra, a avó fiava na roca. Dentro, no lar, a mãe cegava as couves dum magro caldo. E á volta do campo, no alto das escadas, o pai e o Zeca faziam a poda tão abraçados ás arvores que os braços se não distinguiam dos ramos.

A Micas vigiava o gado, lá em baixo.

Via-se de calça rachada e sacola ao ombro a caminho da escola. E desfiava, como num rosario, os nomes dos rapazes e raparigas do lugar.

Porque seria que sempre — pois viera novito, um lagalhé — os seus lábios estremeciam quando, mais lentamente, invocava aquela travêssa Margarida, a filha do mestre pedreiro, mais velha dois anos, os olhos da côr da túnica da Virgem, os cabêlos uma meada de oiro, revôltos, indomaveis, ardendo a sombra, atraindo como um ecado, refrigerando como um alsamo?

Ha vinte anos que deixara Portugal. Crescera. Era um homem. Fôra criado, carrejão, carpinteiro — horas malditas de infinito sofrimento. Depois entrara num armazem como caixeiro e fôra subindo até pessoa da confiança da casa, subalterno mas quasi socio agora nos proventos, no crédito que merecia e na liberdade de que gosava.

Como tudo havia de estar mudado na sua aldeia... A avósinha e o pai no cemitério. O Zeca cheio de filhos. Duas irmãs mais novas que talvez nunca chegaria a conhecer. E o mais... Só pela Margarida — porque? — nunca em suas cartas preguntara.

Nunca, menos na última que acabamos de lêr, por um acaso — a necessidade que a mãe têve de tratar duns papeis, na cidade, — e nos enche de profunda comoção. O rapaz (como ela nos dizia, vendo-o hoje como aos dez anos, garôto, enfarruscado, a comêr cerejas) embora em terra amiga e que é como a continuação da nossa Patria, lamenta que não possa armar já os braços em sua defêsa. Chora de raiva: que não fugiu como um cobarde — foi a miséria que o empurrou, a miséria de que ninguem tem culpa e que nunca perdoa. Está pronto, clama, e não faltará nem um instante logo que seja preciso ou o chamem. A Patria jámais acaba, em parte alguma, é infinita dentro do coração dum homem — «porque ao lêr, diz êle, a declaração de guerra da Alemanha ao meu Portugal, senti, Mãe, como se ouvisse dar-lhe uma bofetada na cara.»

ANTOLOGIA

O' Virgens que passais, ao Sol-poente,
Pelas estradas ermas, a cantar!
Eu quero ouvir uma canção ardente,
Que me transporte ao meu perdido Lar.

Cantai-me, nessa voz omnipotente,
O Sol que tomba, aureolando o Mar,
A fartura da seara reluzente,
O vinho, a graça, a formosura, o luar!

Cantai! cantai as limpidas cantigas!
Das ruinas do meu lar desaterrai
Todas aquelas ilusões antigas

Que eu vi morrer num sonho, com um ai...
O suaves e frescas raparigas,
Adormecei-me nessa voz... cantai!

Porto, 1886 — *António Nobre*

RABISCANDO

O século XX, século da luz e do progresso ficará para sempre com as suas primeiras páginas tarjadas a uma larga fita preta, simbolo da hecatombe horrivel, em que ha quasi dois anos está transformado o Centro da Europa. Quando era de esperar que surgisse uma aurora pacífica estalou a maior guerra de que ha memoria. E êsse monstro que tudo avassala e aniquila na sua marcha destruidôra, tem vibrado tão profundos golpes, tem produsido tão violentos abalos que não ha no mundo inteiro uma unica nação que possa vangloriar-se de não sofrêr os horrôres e as consequencias do drama cujos protogonistas são os povos de mais adiantada civilização.

Afinal está tudo em guerra.

Estão em guerra os paizes sôbre que ela directamente incide e estão em guerra todos os restantes.

Nos primeiros sibilam as balas mortiferas, cruzam-se as granadas, luta-se corpo a corpo, ceifam-se vidas aos milhares: nos segundos atrofia-se a existência, consomem-se todas as reservas, enfraquecem-se todas as energias na luta contra a crise, funesta consequencia duma guerra interessando milhões e milhões de almas.

Quando terminará a primeira? Quando terá o seu fim a segunda? Eis duas perguntas cuja respostas são um incógnito que talvez atualmente não seja dado prescutar. E' certo que a primeira ha-de terminar quando o canhão fizer silencio e a bandeira alva como a neve se levantar reclamando a paz. Mas a segunda não terá igual fim. Não basta que a fuzilaria cesse, que as armas se cruzem pacificas, para que a crise tenha terminado. Teem de decorrer largos periodos para que ela seja dominada. E' ela o mais terrivel inimigo e para ela é preciso que todos sejam soldados, soldados aguerridos e disciplinados, combatendo com todas as forças.

A crise é a peor guerra e contra ela é preciso que nos levantemos, estreitamente unidos, formando uma só alma, com um só pensamento, um só fim, uma só idea, a Pátria.

Unamo-nos todos, dêmos o melhor dos nosso esforços ao nosso querido Portugal e assim vê-lo-êmos mais uma vez engrandecido, nobre e altivo como sempre, aureolado de uma nova corôa de gloria.

Alfredo Fernandes.

A luta contra as doenças infeciosas na guerra actual

Todas as variedades de infecções ameaçam os exércitos em campanha. Os prejuisos causados avaliam-se no quarto e no quinto dos efectivos. O número dos doentes ultrapassa sempre o dos feridos. Em 1870, o exercito alemão teve 420.000 doentes para 116 000 feridos. A febre tifoïde é a afecção dominante em todas as guerras. A disenteria e o paludisdismo ocupam na escala o lugar imediato. O tifo, pesadêlo das lutas antigas, parecia extinto, quando reapareceu na guerra turco-balkánica, ante de tomar a extensão que teve na Servia em 1915.

A peste e a cólera não andam invariavelmente ligadas á guerra mas a participação no conflicto de raças nas quais são endémicas aquelas doenças causara justificados receios. O escorbuto diminuiu de importancia. As outras infecções — escarlatina, sarampo, tesorêlho — só aparecem nos depositos do interiôr porque a vida no campo, ao ar livre, lhes é desfavoravel, acontecendo o mesmo com a meningite cérebro espinal, pois que se notou que esta é menos vulgar nas linhas da frente.

A *cólera* apareceu na frente oriental, na Galicia sobretudo. Uma profilaxia notavel imediatamente localizou os casos. As observações feitas durante a guerra dos Balkans demonstraram a eficácia da vacina. A guerra actual confirmou o facto. A imunidade obtida parece durar seis mêses.

Contra o *tifo exantemático*, doença infecciosa quasi tão grave, que causa uma desnutrição rápida, está menos armada a medicina. Na Servia, em 1915, a mortalidade, de 15 por cento no principio da epidemia, eleva-se a 50 por 100, recaindo pelo esgotamento espontâneo da doença a 15 por 100. Não ha terapeutica aplicavel. O piolho da roupa desempenha o papel do mosquito na malaria. O virus introduz-se no organismo e redrobra de virulência. O papel do medico reduz-se, essencialmente, a lutar contra o parasita, luta ingrata e desagradavel que vai da limpêsa simples, catar os bichos, até á desinfecção. O animal é mau e defende-se, e, para avaliar da sua resistencia, basta indicar as substancias empregadas: petroleo, naftalina, benzina, éter, balsamo do Perú, pimenta em pó, rapó, essencia de anis, de bergamota, assa foetida, pó de pirétro, unguento pardo, tintura de Sabadila, enxôfre precipitado, globol, anisol, etc....

Na Servia, antes da ofensiva bulgaro-alemã, a Missão Medica Francêsa prestou imensos serviços pois o país estava desvastado pela infecção. Na luta sanitária, 100 por 100 dos médicos foram atacados e 30 por 100 morreram.

A doença mais perigosa pela sua freqüência que ameaçava os exércitos, sobre tudo as classes novas, era a *febre tifoïde*. E' muito dificil de evitar, apesar da multiplicação das precauções: javelisação da agua, desinfecções cuidadas. O bacilo de Eberth é resistente.

Encontra-se na terra, na agua, nos legumes, na fruta; apanha-se por contágio directo e tanto mais facilmente quanto é certo que alguns doentes são pouco atacados, continuam os trabalhos e espalham assim o germe infecciôso; apanha-se mesmo vivendo ao lado de individuos duma saude perfeita mas que teem o pouco invejavel privilégio de albergar o bacilo de Eberth nos intestinos.

Havia, felizmente, para o combater, os progressos da terapeutica e os trabalhos contemporâneos sobre a imunisação. O bacilo tifico, facil de tratar no laboratorio, conhecido nas suas variantes morfológicas e nos vários graus de virulência, prestou-se a diversas experiencias.

O nosso organismo defende-se admiravelmente das infecções. A literatura scientifica arranjou várias comparações estratègicas a proposito dêsses globulos brancos ou fagocitas que, multuplicando-se durante as doenças, surgem de todos os orgãos em que repousam normalmente, cercam os micróbios agressôres, imobilizam-nos, fragmentam-nos e digerem-nos. A esta luta mecânica deu Metchnikoff o nome fagocitose. Breve se intendeu que as reacções são de natureza química. O micróbio reage pelos seus venenos, toxinas, quer difusiveis: as exo-toxinas, quer adherentes ao protoplasma: endo-toxinas. O papel essencial do globulo branco é opôr a estes venenos microbianos antiotoxinas que os neutralizem. E' esta a *imunidade adquirida*. Ficava o caminho aberto ás investigações scientificas.

E os sabios venceram. Em certas infecções, injectam o homem com sôro do sangue dum animal imunizado: é a *seroterapia passiva;* noutras, imunizam o homem injectando-lhe directamente o micróbio atenuado-*seroterapia activa*. Foi o que se fez com a febre tifoïde.

O bacilo de Eberth pode ser atenuado na sua virulência quer pelo calôr, quer por um produto químico. A vacina francêsa é uma cultura de bacilos tíficos atenuados pelo calôr, segundo os admiraveis trabalhos de Vincent e Chantemesse. A vacina alemã de Gruber é esterelizada pelo éter, inferiôr á francêsa. A vacina contra a febre tifoïde é uma das maiores vitorias da medicina francêsa.

Multiplicando as investigações, reconheceu-se que os vacinados podiam adquirir a doença. Os trabalhos feitos desde o principio da guerra mostraram que as infecções

de caracter tifoïdico, que apareciam nos vacinados, eram produzidas, não pelo bacilo de Eberth, mas por dois micróbios que caracteres secundários distinguem: o paratifoïde A, e o paratifoïde B. Não era a febre tifoide que aparecia nos vacinados mas uma febre paratifoide. Completou-se a vacina antitifoide uma vacina antiparatifoide. Assim o propôs Widal á Academia de Medicina em agôsto de 1915, apresentando uma vacina tripla, imunizando ao mesmo tempo contra a febre tifoide e paratifoide A. e B. e que ficou a chamar-se vacina tripla T. A. B.

E' do *Dr. Paul Voivenel* o interesantissimo artigo que resumimos acima.

VÁRIA

Pela imprensa

Recebemos a visita dos nossos distintos colegas — *Commercio de Guimarães*—, *Voz de Guimarães*-semanário monárquico, sucessôr dos «Ecos de Guimarães», que se apresenta com nova direcção, publicando o primeiro número a 30 de março, — *Vimaranense*—, —*Castelo de Guimarães*—, *O Pardal*—, semanário humorístico e literário, dirigido pelo Snr. Luiz Teixeira Jacinto, a quem, em nome do nosso Redactor, apresentamos comovidos agradecimentos pela carinhosa homenagem prestada ao ilustre cidadão vimaranense Eduardo M. d'Almeida,— o *Povo de Basto* [Celorico de Basto)—, *A Evolução Republicana* (Braga] —, —*A Federação Escolar* (Porto)—, — *O Cabeceirense* (Cabeceiras de Basto) —,— *O Desforço* (Fafe)—,— *Acção* [semanário defensôr do caixeirato português)—, *O Democrata* (Aveiro)-, —*Aurora de Gondomar* —, *O Comercio da Povoa de Varzim*—, —*Semana Thyrsense*— e o 1º número de—*A Canção de Portugal*, apresentada por Julio Dantas, excelentemente redigida, com um magnifico retrato do dr. Augusto Gil.

*

O Brazil

O amigo certo na hora incerta— a guerra teve para nós já êste efeito: estreitar mais ainda o nosso coração ao dos nossos irmãos do Brazil.

Na reunião da Câmara Portuguêsa de Comercio e Industria, no Rio de Janeiro, todos os portuguêses, republicanos e monárquicos se deram as mãos, comungando no mesmo sagrado amôr da Patria, jurando-lhe a mesma dedicação na firmeza ao mesmo sacrificio.

A visita do grande poeta Olavo Bilac a Lisboa transformou-se numa apoteose — ode comovida, esperançada, ardente, de hinos patrióticos, de flôres, de aplausos vibrantes, de oratoria helenica.

—«Amando-nos através das ondas, disse Junqueiro, vencemos o espaço. Amando-nos através da historia, vencemos o tempo, que já foi. E com a imortalidade do nosso amôr, venceremos a morte, no porvir.»

*

A culpa de quem se ama doe mais e perdoa-se mais ainda.

*

«Os interêsses de familia, de classe, de partido, a vida corporal dum individuo estão, na escala dos valôres, abaixo do ideal patriótico, porque êsse ideal é o Direito, que é absoluto.»

Assim fala o Cardeal Mercier em face dos alemães.

D. Manuel de Bragança e o Patriarca de Lisboa declaram publicamente que todos os portuguêses se devem unir em defêsa da Patria.

Mas ha — e louvado Deus! em todas as classes, mesmo aonde a ignorancia absoluta corre parelhas com a mandria farta — quem, ainda ao menos por decôro, não saiba guardar na alma latrinária uma cobardia repelente.

Seria preciso têr bôjo, se o caso não tivesse outra explicação.

*

Uma quadra de Junqueiro:

O sol é qual burguês cheio de magestade,
De fronte colossal, altiva, esbrazeada:
Costuma-se deitar aos toques da trindade
E erguer-se novamente ao vir da madrugada

*

Conceitos sôbre a Educação

TALMUD—«Se o número das criancas não fôr mais de vinte e cinco, a escola será dirigida por um só mestre; a partir de vinte e cinco, a cidade pagará um adjunto; acima de quarenta é necessario ter dois directôres.»

PLATÃO—«Os livros religiosos postos nas mãos das crianças devem sêr escolhidos com tanto cuidado como o leite das amas.

SENECA —«*Non seholae sed vitae discimus.*»

Devemos aprendêr não para a escola mas para a vida.

PLUTARCO—«A alma não é um vaso que se enche, é um lar que é preciso aquecer.»

PLINIO O NOVO — «*Multum, non multa*».

Mais vale estudar muito do que estudar muitas coisas.

MONTAIGNE— A disciplina deve sêr temperada e firme [*douceur sévère*).

Procuremos o melhor sabio e não o mais sabio.

DIDEROT—«A nobreza queixa-se dos agricultôres que sabem lêr. Talvez o principal agravo da nobreza seja que um camponês que sabe lêr é mais dificil de oprimir que qualquer outro.

COMÉNICUS— Porque, em lugar dos livros mortos, não abrimos nós o livro vivo da natureza?

*

A uma dama prodiga de favores

Se assim, formosa Helena, como és sol,
Não deras tantas mostras de sêr lua.
Não te tivera o mundo por comua,
Nem quem tanto te quer por caracol.

Olha que já te trás a fama a rol
Por sêr a tua grandeza a todos nua,
E pode sêr que ganhes sendo crua
Não acudindo como peixe ao anzol.

Ai! muda, muda, Helena, muda os modos,
E não sejas oh! não! como é a côrça,
Que mais corre com a seita que a lastima.

Ama a quem te mais quer, e não a todos,
Que repartido o amôr tem menos fôrça,
E a coisa que é mais comua não se estima.

D. Thomás de Noronha

(Seculo XVII)

POR NÓS E PELOS OUTROS

Ha tantos desgraçados com a vida em perigo pela acção devastadôra dum terrivel mal a que a Sciencia chama *sifilis*, e crescendo dum modo assustadôr o numero das vitimas, tudo quanto se gaste de actividade e energia para sustar, tanto quanto possivel, o desinvolvimento dessa doença, é preciso para defêsa da saúde publica—o que quer dizer, de nós todos—, e alivio dos infelizes, cuja existencia eles trazem tão gravemente comprometida.

Os microscópicos e envenenados agentes da propagação do terrivel mal, na sua âsia de devastar, de inutilisar organismos, lograram multiplicar-se extraordinariamente, sendo para temer, exigindo todas as precauções o encontro com êsses mensageiros da morte.

Que o mal tem tomado proporções de gravidade, é um facto todos os dias observado pelos medicos no exercicio dos seus altos deveres profissionais; é um facto bem conhecido das autoridades que para êle teem voltado o melhor das suas atenções, é certo; mas é ainda em presença dêste perigo que Guimarães não tem nos seus estabelecimentos hospitalares—aliás estabelecimentos que fazem inveja a muitas terras do paiz—uma enfermaria da especialidade, onde se recolham de pronto os que absolutamente desprovidos de recursos e carecidos dum cuidadôso e aturado tratamento scientifico, se veem na desesperada contingência de se deixar inutilizar ou morrer.

E' ainda em presença dêste perigo que estamos assistindo ao triste espetaculo de não serem admitidos, no Hospital de S. Marcos, os doentes de Guimarães, embora haja toda a obrigação de o fazer, mas multiplicaram-se as formalidades para a admissão, e quasi sempre o pretexto *não haver logar*.

Urge, pois, que alguma cousa se faça para beneficio de todos.

Acabamos de saber, e isto nos consola, que o administrador do concelho, sr. Antonio Caires Pinto de Madureira, trabalha a propósito na realização dum plano seu, que, posto em pratica, seria senão a solução do problema, um grande avanço para a sua solução. S. Ex.ª já deu os primeiros passos e está animado da melhor esperança.

Precisa contudo da cooperação das Misericordias das duas cidades Braga e Guimarães, cooperação que, temos fé, aquelas entidades não recusarão, pois o que a nossa autoridade vai propor-lha em nada os prejudica, antes cooperando, cumprem um dever de protecção aos seus semilhantes.

Não desista o sr. administrador do concelho da sua louvavel intenção que algum fruto colherá em recompensa dos esforços dispendidos por tão humana causa.

S.

Calendário do agricultor

ABRIL

NOS CAMPOS—Defendem-se as plantações e as searas—da permanência das aguas fluviais, tratando de desobstruir os regos de esgôto—e dos gados, fazendo vedações. Principiam nos pousios, em terras fortes, as lavras preparatórias. Acabam, nos prados, as sementeiras de leguminosas, e, nas terras sêcas, as de milho grôsso. Aplicação de adubos pulverulentos quando ameaçe chover.

NOS POMARES—Dar caça ás lagartas que invadem as arvores de fructo. Acabam a enxertia e as plantações nos terrenos fundaveis.

NAS VINHAS — Enxofra-se e sulfata-se, nos sitios mais quentes.

NAS ADEGAS — Prosegue, com tempo sereno e sêco, a trasféga e o engarrafamento de vinhos.

NAS HORTAS — Continuam as sementeiras de março. Na segunda quinzena, semeia-se feijão. Sementeira de pepinos, aboboras, etc. Activam-se as sementeiras de todas as hortaliças.

NOS ARMAZENS—Padejam-se os cereais para os arejar e limpar de parasitas. Dá-se ar e luz aos celeiros.

NOS ESTÁBULOS — Faz-se cuidadosamente a mudança da alimentação dos gados do regimen sêco para o vêrde. Em todo o tempo, a alimentação das raças leiteiras deve ter uma parte de agua de farinha, papas de bagaços oleosos, ou batatas cosidas; para manter a maxima produção, separam-se das mães os vitelos, que podem sêr criados a leite desnatado engrossado com farinha.

Castram-se os vitelos. Tosquia-se o gado.

NO CÊSTO DOS PAPEIS VELHOS...

SENTENÇA

proferida na Casa da Suplicação contra a Rè Luiza de Jesus (3 em 1 de julho de 1772

Sem lhe poder servir de defêsa o têr feito a dita confissão a respeito dos dois Expostos, que foram achados no referido dia do 1 de Abril, sem ainda estar a culpa formada, sem sêr feita com assistencia do Curador, como era preciso para lhe poder obatar a sua mesma Confissão:

Porque segundo a Lei, ela se acha em idade competente para sêr punida, conforme a gravidade dos seus delitos.

Nem o sêr perguntada, antes de serem os mesmos descobertos, ainda queo foi já depois de sêr achada morta, e garrotada uma das sobreditas crianças, que tinha levado no referido dia: E' esta uma escrupulosidade, com que se explicam alguns doutôres, que não pode destruir a verdade, que posteriormente se alcançou, pela qual è, que no Senado se deve julgar, e decidir: E por isso suposta a que se identificou das contempladas testemunhas, nada mais é preciso para ter lugar uma rigorosa condenação.

Quanto mais, que as achadas posteriores dos outros inocentes, que foram descobertos na dita sua casa, corroboram todas, e quaisquer faltas, que se pretendam alegar em desculpa da expendida confissão. Nem lhe pode tambem valer o sêr feita sem a dita assistencia de Curador; porque a Ratificação a fol... do Apenso já foi feita com ele, e ficou suprindo a sobredita falta; e todo, e qualquer defeito, que pudesse haver: Pelo que de nenhum modo deve sêr relevada, antes tratar-se, como inimiga declarada da inocencia; e como um monstro de coração tão perverso, e corrompido, de que não haverá facilmente exemplo no presente Seculo, para como convencida no dito atroz, e aleivôso delito de tantos Infanticidios, e roubos sêr competentemente Justiçada.

Portanto, atendendo a que o mesmo Senhor [deferindo pelo Decreto junto á consulta, que esta Meza lhe fez pelo seu Regedor na forma da Lei) lhes facultou toda a Autoridade, e Jurisdição, que precisa fôsse, para poderem impôr á Ré as penas, que tivessem alguma proporção com a crueldade de tão atrozes crimes [dos quais nenhuma Lei especial cogitou até agora) e com o escandalo, que dêles resultou: Condenam a dita Ré Luiza de Jesus, a que com Baraço, e Pregão pelas ruas públicas, e costumadas, seja atenazada, e levada ao lugar da fôrca e nêle lhe sejam decepadas as suas mãos: Depois do que, morra morte natural de garrote: E dado êste, seja o seu corpo queimado, e reduzido a cinzas, para que nunca mais haja memoria de semelhante Monstro: E a condenam mais em cincoenta mil reis para as despezas da Relação. Lisboa 1 de julho de 1772.

Cardeal Regedor.

Doutor Nunes. Manuel. Souza Silveira. Freire França. Melo e Sá. Falcão. Manique.

Eduardo d'Almeida

ADVOGADO

Consultório — Rua de Gil Vicente

A GUIMARÃES DE ONTEM

Abril

8—1834—«Sequestro nos bens e casas dos que tinham ido alistar-se no exercito rialista.

8—1835—Portaria de D. Maria II concedendo a egreja de S. Francisco aos paroquianos de S. Sebastião para ai estabelecer a paróquia. Esta portaria foi revogada a 22 de junho do mesmo ano e a acanhada egreja de S. Sebastião ainda ai está, patenteado a incrúia duns e a teimosia doutros.

10—1665—E' assassinado o conhecidissimo poeta vimaranense Manuel Thomaz, autor da «Insulana», ou «Fhenix da Lusitania», e de muitas outras obras.

11—1679—Falece Fr. Antonio da Luz, tão douto e tão virtuôso que era chamado *luz sem sombras da familia beneditina*.

—1885— Espancamento

Quinta-feira ultima, alguns individuos, embriegados segundo consta, e sem respeito algum a êste dia que era Quinta Feira Santa, agrediram proximo á ponte de Caneiros quatro tendeiros que voltavam dos lados das Caldas das Taipas.

A agressão foi por volta das 10 horas da noite, e feita a pau, ficando três alguma cousa feridos, mas um gravemente na cabeça e peito...

CONDE DE MARGARIDE

Pronuncia na Camara dos Pares, em sessão de 16 de março de 1885, um pequeno discurso contra o codigo administrativo de 1878, em que disse: —«os proprietários do distrito de Braga estão pagando, por via de regra, 16 a 18 por cento do seu rendimento, sem falar naquêles a quem as juntas de paróquia colocam em peor situação ainda, lançando-lhes uma percengem sobre as contribuições do estado de 90, 100 por cento e mais!»

Da *Religião e Patria*

N.º 29, Seria 37—8 de abril de 1885.

TRATAMENTO DO MILDIO

A 3.ª Secção Agricola, cuja repartição se encontra instalada no edificio da Administração do Concelho, d'esta cidade, envia-nos, para serem publicadas, duas formulas, altamente economicas, de preparação de calda para o combate do mildio, que aquela repartição recomenda pelos bons resultádos obtidos nas regiões em que tem sido aplicadas, e cuja divulgação julgamos de grande utilidade para os nossos agricultôres.

1.ª formula

Em 98 litros de agua, dissolvem-se 250 gramas de sulfáto de cobre.

Numa vasilha á parte, deitam-se 150 gramas de cal em pó, e adicionam-se 2 litros de leite desnatado, ou não, mexendo bem até desfazer os grumos, entornando depois esta mistura na barrica que contiver a solução do sulfáto.

A quantidade de leite indicada pode ser substituida por um dos queijos, que a Cooperativa de Laticinios de Guimarães costuma vender, em quanto duram os tratamentos.

Fazendo uso do queijo, as 150 gramas de cal em pó, são adicionadas de 2 litros de agua, juntando-se-lhe depois um queijo, mexendo até êste ficar completamente dissolvido e entornando depois esta mistura, na vasilha que contiver o sulfáto de cobre.

2.ª formula

Dissolvem-se 250 gramas de sulfato da cobre em 95 litros de água, e juntam-se pouco a pouco, mexendo-se sempre bem, 35 gramas de cal virgem, previamente apagada em 5 litros de água.

Os tratamentos devem ser feitos de vinte e dois em vinte e dois dias e principiados quando os sarmentos da videira apresentarem um comprimento de 25 a 30 centimetros.

Para que a colheita seja garantida, quer se faça uso das caldas pobres, quer das caldas ricas, isto é com 1, 1,5 ou 2 °/₀ de sulfato de cobre, é indispensavel que os tratamentos sejam aplicados no espaço de tempo acima indicado.

Se os iteressados desejarem qualquel esclarecimento, podem dirigir-se á 3.ª Secção Agricola, todos os dias, das 11 ás 16 horas, exceto aos domingos e dias feriados oficiais.

A Câmara Municipal e a Sociedade Martins Sarmento

— —

Ex.mo Presidente da Direcção da Sociedade Martins Sarmento

Guimarães.

E' com o maior prazer que apresentarei á Câmara o officio que V. Ex.ª se dignou dirigir-me, datado de 13 do corrente, por onde me comunica que a Sociedade Martins Sarmento, da muito digna presidencia de V. Ex.ª, continúa com o encargo da publicação dos «Vimaranis Monumenta Historica».

Rogo a V. Ex.ª a fineza de me mandar dizer se julga necessario que no 1.º orçamento suplementar a organizar se inscreva alguma verba para provêr ás despêsas dessa publicação e, no caso afirmativo, qual a quantia que, aproximadamente, se terá de dispender no ano corrente.

Saude e Fraternidade

Guimarães, 15 de Janeiro de 1915

O Presidente,

(a) *Mariano da Rocha Felgueiras*

*

Ill.mo e Ex.mo Snr. Presidente da Comissão Executiva da Câmara Municipal de Guimarães.

Tenho a honra de acusar a recepção do oficio de V. Ex.ª, com data de 15 do corrente, a que sómente posso responder hoje por ter estado ausente.

Procurando estudar o assunto, de que V. Ex.ª se dignou encarregar a Direcção a que presido, cheguei á seguinte conclusão:

As despesas a fazer com a conclusão da II parte dos «Vimaranis Monumenta Historica», indice e erratas (em que não pensaram, segundo me parece, os falecidos Abade de Tagilde e Dr. João de Meira, especialmente o primeiro) e ainda a despeza da distribuição, devem orçar, aproximadamente, por 200$00..

A Direcção da Sociedade Martins Sarmento tem, em seu poder, para êsse fim a quantia de escudos 70$00, sendo, portanto, necessario inserir no 1.º orçamento suplementar da Ex.ma Câmara, da digna presidencia de V. Ex.ª, a quantia de escudos 129$23.

Saude e Fraterdidade

Guimarães, 23 de Janeiro de 1916.

O Presidente,

(a) *João Rocha dos Santos.*

*

Ex.mo Snr. Psesidente da Sociedade Martins Sarmento

Acuso a recepção do oficio de V. Ex.ª datado de 22 de Janeiro e proporei que no primeiro orçamento suplementar a organizar se inscreva a verba de escudos 130$00 para liquidação das despezas a fazer com a conclusão da 2.ª parte dos «Vimaranis Monumenta Historica».

Agradeço em nome da Câmara a V. Ex.ª e á digna Direcção da digna presidencia de V. Ex.ª a atenção dispensada a êste importante assunto.

Saúde e Fraternidade

Guimarães, 7 de Fevereiro de 1916.

O Presidente,

(a) *Mariano da Rocha Felgueiras.*

A SEMANA

Propaganda patriótica

Nesta cidade realisou-se a sessão de propaganda no teatro D. Afonso Henriques. Ás 11 horas chegaram os oradores. Presidente o sr. Eduardo Pinto de Almeida, vice-presidente do Senado Municipal, secretários os srs. dr. Mota Prégo e Major Alcino da Costa Machado. A's 11 e um quarto foi pelo presidente declarada aberta a sessão, fazendo á assembléa a apresentação dos delegados da J.P. do N que são recebidos com palmas e vivas á pátria, executando a banda regimental o hino nacional. Depois mandou lêr o expediente—oficios e cartas pedindo desculpa da não compa rência dos signatários.

Em seguida adianta-se para falar o distinto professor snr. dr. José Maria de Oliveira, que é acolhido com uma ruidosa salva de palmas. Sauda a cidade de Guimarães e enaltece os fins e a obra que a Junta Patriótica do Norte se propõe levar a cabo

E é consolador vêr, diz—que em torno da bandeira da Pátria se reunam todas as bandeiras partidárias e todos os esforços comunguem das mesmas aspirações, numa sede de ideal a mais santa e mais nobre: é consolador porque todas as dissenções, todas as tempestades que a politica desencadeava amainaram e deram lógo no maior movimento de solidariedade nacional, porque em todo o Portugal o sentimento da Pátria brotou espontâneo, épico, singular.

A ideia da Patria é um dos grandes ideais que vai caminhando e é o guia, é o farol da marcha dos homens atravez dos seculos. A ideia da Patria, tanto em nós, como em todos os povos, só é verdadeiramente sentida quando se não ouvem cantar as trovas da nossa terra, quando se não vê a casinha da nossa aldeia que nos serviu de berço, quando perdemos o ceu azul e o bemdito sol que é o nosso. A ideia da Patria compreendia-a o emigrante, que ia para longe, sonhando grandezas, desenvolver a sua actividade no Brazil e na Africa. Compreendia-a e sentia-a profundamente.

Mas a Pátria não é só isso; é mais alguma coisa: é isto que nos reune, e, sintetisando a Patria, é o que Victor Hugo, o maior genio da França, depois da victoria prussiana, definiu nêste lamento de vencido: «França, minha mãe»!

Foram estas tres palavras as maiores de Victor Hugo, e tão grandes se me afiguram, que me dão bem a ideia do sentimentó da Patria, que se constitui sob o ideal da Liberdade.

Liberdade, eis uma palavra que tem produzido os maiores gestos heroicos—a queda da Bastilha que simbolisava oito séculos de escravidão, a nossa guerra da independencia e tantas outras lutas—e que actualmente, é a origem de tantos e tão extraordinario feitos, A Belgica, a Servia e o Montenegro teem-na, bem ligada ao seu labaro de guerra e por ela a gente latina se empénha em destruir a aguia teutonica, sua inimiga; e por ela nos unimos todos nós.»

O snr. dr. José Maria de Oliveira fala ainda da missão que a mulher portugueza tem a desempenhar, e enaltece-lhe as qualidades, que são as mais nobres, e levanta um viva á Pátria, que é correspondido entusiasticamente pela assistencia.

Seguidamente fala o snr. Alberto Veloso de Araujo, que tem palavras de elogio para a Junta Patriótica do Norte e para os homens que a constituem. Fala da Belgica demoradamente e termina dando um viva á Patria, que a multidão corresponde com calor, ao mesmo tempo que a musica toca o hino inglez. Segue-se-lhe no uso da palavra o snr. dr. Santos Silva, presidente da comissão executiva da Camara Municipal do Porto.

«Em nome da Junta Patriotica do Norte e em nome da cidade do Porto, que tenho a honra de representar, saudo a nobre cidade de Guimarães, e na pessoa do snr. comandante das forças militares saudo o exercito portuguez, que o mesmo é que saudar todos os portuguezes.

A Junta Patriotica do Norte organizou-se para levantar bem alto o nome de Portugal e avivar no espirito de todos o amor da Patria; organizou-se para em missões de propaganda levar ás terras do norte a sua fé na vitoria e no triunfo da liberdade, empenhada nos campos de batalha.

A Junta Patriotica do Norte sentiu bem que ha na vida portugueza, ha pouco acidentada pelas lides politicas, alguma coisa de maior e elevado, que une todos os portuguezes em derredor do altar da Patria; e por isso ela se constituiu e delineou as trez partes do seu programa: a defeza do territorio patrio; a propaganda pela imprensa, pelo manifesto, pela folha volante e pelo comicio; e finalmente, a promoção de uma intensa assistencia ás familias de soldados que tenham de partir, e de beneficencia áqueles a quem o estado da guerra torne dificil a vida.

Eis senhores, em traços geraes e que se propõe realisar a Junta Patriotica do Norte que convosco conta absolutamente, com o vosso civismo com o civismo de todos os portuguezes, que saberão mostrar de quanto é ainda capaz o povo que num seculo descubriu metade do mundo.

A luta da Alemanha, está provado, é contra as pequenas nações, e sendo vejamos a sua atitude ante a America, atitude que vexaria o povo menos altivo da sua autonomia. Eis a razão porque declarou guerra a Portugal.

E, permiti-me que vos diga, foi bendita a hora em que ela a declarou, porque nesse momento, abriu-se-nos um horisonte novo, e o mais largo movimento de patriotismo teve logar.

A consciencia nacional recebe com perfeita serenidade a guerra. O que é necessario é que todos, sem distinção de credos e partidos, congreguem todas as energias, orientadamente, e que cooperemos com os poderes centrais de forma a tornar-lhes menos árdua a missão que se impozeram.

A nossa situação não podia ser de neutralidade como é a da Espanha. Nós não podiamos nem deviamos ficar inactivos, porque temos dominios coloniais vastos que nos garantem a nossa vitalidade; e temos um tratado de aliança secular que tem sido o fulcro sôbre o qual tem girado a nossa vida internacional.

Eramos até á declaração de guerra aliados da nobre Inglaterra e hoje somos aliados de todos os aliados.

Não é honesto pensar sequer em não pôr á sua disposição os auxilios que porventura lhes possamos prestar, e não irmos até ao maior dos sacrificios.

De toda a sala uma enorme salva de palmas, apoiou as palavras do snr. dr. Santos Silva, e por muito tempo se prolongaram os vivas á Patria, aos aliados á França, á Belgica e á Inglaterra.

Terminada a ovação, começa a falar o ilustre professor Mario de Vasconcelos e Sá, que diz encontrar-se na terra onde ha oito seculos um punhado de homens lançou as bases de uma nacionalidade, que se tem mantido atravez dos seculos e de todas as crises e que vê agora ameaçada a sua independencia—Portugal.

E' ainda um punhado de homens que recebe a afronta germánica e que se levanta para a repelir com energia ainda maior que a vergonhosa mentira alemã da causa da declaração de guerra de todos conhecida.

Será tambem um punhado de homens, que ama a sua terra, pequeno no numero mas grande no valor, que ha-de desafrontar-se, mostrará que não é impunemente insultada uma nação e que os inimigos sem importancia, como êles dizem são maiores do que julgam.

Fala ainda nas nossas descobertas, nos tradicionais herois portugueses, e na França, nossa mãe espiritual, e termina incitando o povo a unir-se e a congregar todos os seus esforços, para que, com o nossa quota parte, contribuamos para o aniquilamento da soberba Alemanha, e dando um viva á Patria que é entusiasticamente correspondido.

O snr. presidente da mesa agradece a visita de tão ilustres hospedes e lê os seguintes nomes das pessoas que foram convidadas a constituir o núcleo local, delegado da Junta Patriotica do Norte: dr Eduardo de Almeida, tenente-coronel Afonso Mendes, dr. Joaquim José de Meira, Antonio Caires Pinto de Madureira, dr. Antonio do Amaral, dr. Moreira Junior, dr. Mota Prego, dr. Pedro Guimarães, conego José Maria Gomes, Simão da Costa Guimarães, Mariano Felgueiras, tenente Fraga, Manoel R. da Silva.

*

Teatro Gil Vicente

Está marcado para amanhã, neste teatro, um espectaculo animatográfico com variedades por actores de 8, 9, e 10 anos, em beneficio do ex-actor, Artur Santos, cego há 15 anos.

*

Falta de espaço

Publicamos no paoximo numero uma correspondencia das Tupas sobre a manifostação que ali teve lugar por ocasião da visita da comissão patriotica do Norte de Portugal

Folhetim

N.º 3

F. Petrucelli de la Gatfina

Memórias de Judas

(*tradução expressamente feita; direitos reservados*)

—Então êste homem não se lembra de vir agora pedir-me o dinheiro que me emprestou! Por fim, arrancando um suspiro capaz de desmoronar a torre Mariamne, Justus entregou mais a moeda.

Porque então confessa-lo? dêsde a véspera que eu nada comera e, por única bebida, molhara a bôca na agua da fonte de Salomão. O Senhor, êsse, tantos e tão variados animais recebera, que somente se dignaria de aceitar a nobre cabeça do gran-sacerdote Caïphás.

Resolvi embebêr o pombo, e metia o dinheiro na algibeira quando altos gritos vieram dos lados da porta de Bronze. Pois ha sem mim um barulho em Jerusalem! exclamei, roubam me. E corri. Eram uns miseraveis que, encontrando uma rapariga do bairro Bezetha em flagrante acto de adultério com um soldado legionário romano, a arrastaram para o Sanhédrio para que fôsse condenada a sêr lapidada.

Moab levantou a cabeça que conservava apoiada nos meus joêlhos.

—A mulher era nova e bela ainda, continuou Bar Abbas, apesar da devastação da miséria que se notava no seu rôsto e vestidos. Já conhecia. E' de Jerichó e chama se Lia. Ha dois anos que o marido, tendo-se ligado á seita dos essênios, a abandonou com um filho. Vivia de cardar a lan. Naturalmente faltou o trabalho. Os escribas e os phariseus, que estavam no páteo dos Pagãos, e os guardas do Templo involvem o grupo que arrastava a mulher desgrenhada, lavada em lágrimas e gritando—Oh! meu pobre filho!—meu pobre filho!—Alto! exclama um levita: e se nós fôssemos ouvir o que diz dêste caso o rabi da Galiléa que prega lá em baixo, junto ao pôço de Salomão.—Vamos, responderam em côro tôdos os parasitas do templo, levêmos a mulher ao rabi da Galiléa.

Dêsde manhã que o rabi andava de páteo em páteo e de pórtico em em pórtico falando ao pôvo que se reunia á sua volta. Agastara, exasperara os phariseus, cobrindo-os de ridiculo e acusando os de faltas. Falara contra o sabbath, contra o lavar as mãos, contra as práticas exteriores do culto, eu sei lá! de tudo emfim.

O pôvo perguntava: terá alguma coisa dum profeta ou dum messias êste rabi? Ele não dizia que sim nem que não, mas aqui inventava uma parabola, alem falava por maneira que nem o diabo o intendia. Ardilosamente, os phariseus julgavam assim apanha-lo. A lei de Moisés é clara como a fonte de Siloão. Trazem pois, a mulher á frente do rabi e todos se apartam para vêr e ouvir. O caso era grave; a resposta devia sêr precisa. Pilatos zombava do adultério, que não considerava nem crime nem pecado. Que responderia o rabi? Condenava a mulher? irritava Pilatus; absolvia? desprezava a lei de Moisés. Esperou. — Rabi, rabi, gritavam lhe de todos os lados, aqui tens uma mulher que apanhamos em flagrante adultério. E' casada, todos o sabem e ela o confessa.—Hum! fez o rabi, sem levantar a cabeça e continuando a desenhar arabêscos na areia do páteo.—Senhôr, gritava, cheia de desespêro, a pobre mulher: tinha fome, o meu filho tinha fome, ha dois dias que não comiamos, nem uma migalha de pão, nem um dinheiro, o lar apagado O rabi ergueu os olhos para a mulher e depois de a ter observado alguns instantes, disse—Sim— e continuou a riscar sinais no pó —A lei de Moisés é terminante, interveio Gamaliel que acompanhara a multidão.— Que manda essa lei? perguntou, calmo, o rabi.—Que morra á pedrada, gritaram de todos os lados.

Moab, que escutara a narrativa de Bar Abbas, ergueu-se direito como se tivesse calcado uma vibora. Ficara extraordinariamente palido, mas não disse uma palavra. Nós fitamos o homem, espantados. Bar Abbas continuou:

—A pobre mulher não parava de gritar:

Perdão, perdão, tinha fome, o meu filho tinha fome: ninguem me dava trabalho, não tinha crédito, não recebia esmolas.—Qual é a lei? perguntou de novo o rabi a Gamaliel. —Tu, que tantas coisas ensinas, tu bem o deves sabêr, replicou o reitôr do colégio.— E', pois, tua opinião que deve sêr lapidada, insistiu o rabi?—E' a lei, retrucou Gamaliel.

—Pois então, exclamou o Galileu, levantando-se e dominando com o olhar a assemblea curiosa, cheia de anciedade— pois então aquêle dentre vós que estiver sem pecado que lhe atire a primeira pedra. Foi uma palavra magica. A multidão ficou um momento bequiaberta, não compreendendo, não advinhando; mas depois, cada um, de cabeça baixa, os olhos abertos, afastou-se em silêncio. Então o rabi aproximou se da mulher, que caira quasi desmaiada no pó, meteu-lhe ocultamente uma moeda na mão, talvez a única que tinha, e disse lhe com um doce sorriso: Vai, pobre mulher, vai e não tornes a pecar. Quando êle se levantou eu exclamara—olha! é meu sobrinho êste rabi! Talvez não me tivesse ouvido. Aproximei-me. Compreendem o que eu pensei—se nós pudessemos aproveitar êste homem para o nosso projecto...

—Sobrinho, disse-lhe eu, não conheces o marido da irmã da mulher de Joseph, teu pai? O rabi levantou lentamente a cabeça e parou em mim o seu olhar. O olhar iluminou-se, dilatou-se, inflamou-se; deu um passo atrás... e disse me— Vai-te, meu tio.

—Não, não, interrompeu Justus, o que êle disse foi—Para trás, infame, para trás! E a sua voz, um momento antes tão dôce, parecia abalar o Templo.

—Sim, talvêz êle dissesse assim, continuou Bar Abbas. Eu bem o conheço: o rapaz foi sempre misantrôpo e pouco respeitadôr de seus parentes. Tambem eu não liguei importancia, e, obstinado no meu projecto de o levar a partilhar dos nossos designios, segredei-lhe ao ouvido pedindo se juntasse comuôsco para libertar Israel da nodoa dos pagãos. Mas continuou sempre a gritar: Vai-te...

—Para trás, infame, para trás, repetiu Justus.

—Pois seja assim, já que tanto o queres, ajuntou Bar Abbas. Então deixamos o Templo pela porta Doirada e eis-nos, julgo um pouco atrasados.

Hannah ascutara com paciencia e exclamando apenas—Ainda aquêle homem! quando Bar Abbas nomeara o rabi da Galiléa Eu ouvi o com interesse, Menahem com indiferença, Moab parecia aniquilado. Por fim, Hannah, erguendo-se, disse:

—Não ha tempo a perdêr. Tratemos do que importa. Nada ha a alterar no plano traçado. Eis as instruções definitivas, que levareis ao conselho dos Trinta e Cinco, acrescentou entregando um escrito a Menahem. Por sêr amanhã sabbath, a explosão da revolta fica adiada para depois de amanhã. Se alguma alteração houver a fazer amanhã de tarde, á quarta hora, o sabereis aqui

ESTANCIA TERMAL DAS TAIPAS

(Situada a 14 quilometros de Braga e 8 de Guimarães)

Aguas meso-termais, hipo-salinas, sulfúrias, carbonatadas, (sodicas e cálcicas), cloretadas, litinadas, silicatadas, fluoretadas, arsenicais, *radioactivas*

AS ÚNICAS AGUAS DO PAIZ PARA A CURA DAS DOENÇAS DE PÉLE

Tratamento das afecções dos aparelhos respiratorios, digestivos e gênito-urinario; réumatismo; manifestações artriticas e sifiliticas

Tratamento das doenças das Senhoras sob a direcção de uma Medica

INSTALAÇÕES COMPLETAS PARA ELECTROTERAPIA

CLINICOS DA EMPREZA — Drs. Alfredo Fernandes e Celeste Azevêdo Fernandes.

ÈPOCA TERMAL--1 de Maio a 30 de outubro

"PROSPERIDADE,,

Companhia de Seguros e Reseguros Terrestres e Maritimos

Sede no PORTO:

RUA DE TRAZ, N.º 7-2.º

Agente em GUIMARÃES:

António José Peixoto da Costa

Rua da Republica, n.º 144

DEPÓSITO DE PÓLVORA DO ESTADO

Agência da Companhia de Seguros
PORTUGAL PREVIDENTE

Tintas, vidros, oleos, cimentos e vernizes.
Completo sortido em molduras para quadros.
Papel para forrar casas.
Azulejos e mosaicos.
Artigos para caçadores, e muitos outros artigos pertencentes a este ramo de negocio.

Drogaria: Fernandes Guimarães & Irmão, Suc.or

78, R. da República—Guimarães

FARMÁCIA NORMAL

Prrça de D. Afonso Henriques, 17 a 20

Abriu no dia 1 de Janeiro este importante estabelecimento com um sortido enorme de todos os artigos farmaceuticos de maior consumo e de absoluta confiança exigidos pela moderna terapeutica.

Ao Ex.mo corpo clínico
AOS SEUS AMIGOS
Ao público em geral

Participam-no

Manuel Jesus de Sousa & C.a

O REPUBLICANO

Propriedade do Centro Democrático Vimaranense

(Publica-se aos sábados)

Ao Cidadão

Internato Municipal de Guimarães

Direcção e administração autónomas

Instrução primária

Instrução secundária

Música—Pintura.

O REPUBLICANO

Propridade do Centro Democrático Vimaranense

(Publica-se aos sábados)

Preço da assinatura

Ano	1$20 cent.
Semestre . . .	$60 »
Brazil, ano (moeda forte)	2$50 »
Numero avulso. .	$03 »

Preços das publicações

Anúncios e comunicados, por linha.	4 cent.
Repetição, por linha . . .	2 »

Permanentes, contracto convencional.

Anuncios, não judiciais, para os srs. assinantes 25 % de abatimento.